

O Ensino da Ecocardiografia em 2018: a Evolução desde os Primórdios e o Que Podemos Melhorar?

The Teaching of Echocardiography in 2018: Evolution from the Beginning and What Can We Improve?

Djair Brindeiro Filho

Serviço de Ecocardiografia do Recife (SECOR) - Real Hospital Português de Beneficência em Pernambuco, Recife, PE – Brasil

O Departamento de Ecocardiografia (DEPECO) foi oficialmente criado em 1987 na Assembleia Geral do 43º Congresso da SBC realizado em Brasília. Na primeira Assembleia Geral Ordinária do Departamento, realizada em 1988, durante o 44º Congresso da SBC, em Belém, foi criada a Revista Brasileira de Ecocardiografia. Na mesma ocasião, ficou decidido que seriam realizados anualmente um Congresso Nacional de Ecocardiografia no primeiro semestre e um Simpósio Internacional no segundo semestre, possibilitando a divulgação do método em todo território nacional. Assim, há 30 anos, foram implantados os meios para divulgação e ensino do procedimento no Brasil. Em 1989, foi realizado o I Congresso Brasileiro de Ecocardiografia, na cidade do Rio de Janeiro; em 2009, ocorreu, em Fortaleza, o XXI Congresso Brasileiro de Ecocardiografia e o I Simpósio do recém-criado Departamento de Imagem Cardiovascular (DIC). Com inserção e integração entre a Ecocardiografia e as demais áreas da Imagem Cardiovascular, o I Congresso do Departamento de Imagem Cardiovascular e o XXIII Congresso Brasileiro de Ecocardiografia foram realizados em Brasília, em 2011.

Nesse período, a evolução tecnológica foi intensa e rápida. Na Ecocardiografia, tivemos acentuado desenvolvimento. Inicialmente, na década de 1970, com o Modo M; na década de 1980, com o bidimensional e o Doppler, que possibilitaram o diagnóstico e a avaliação da maioria das cardiopatias; seguiram-se o mapeamento do fluxo em cores, o Eco transesofágico, o Eco tridimensional, o Doppler tissular, o *speckle tracking*, e os diversos recursos técnicos que aprimoraram a resolução das imagens e possibilitaram a investigação acurada e precoce de alterações fisiopatológicas em inúmeras patologias. Além disso, os recursos dos equipamentos podem ser aplicados em situações diversas (Eco sob estresse, transoperatório, Eco fetal e microbolhas etc.), que exigem aprendizado e treinamento adicionais.

Uma boa formação clínica é fundamental para o diagnóstico ecocardiográfico correto. Como sugerimos em 1991, o título de cardiologista é pré-requisito para

o candidato que deseja obter o certificado na área de atuação da Ecocardiografia. O ecocardiograma é exame operador-dependente. O diagnóstico correto depende da conjunção de três variáveis: conhecimento e limitações dos recursos oferecidos pelo equipamento; treinamento adequado para aquisição de boa imagem; e interpretação dos dados obtidos embasada na boa formação clínica. Portanto, o ensino da Ecocardiografia compreende várias etapas fundamentais e complementares.

A era digital propiciou grande avanço em todas as atividades humanas e foi fundamental na disseminação do conhecimento. Para o ensino teórico, o site do DIC, criado há cerca de duas décadas, oferece a revista *on-line*, aulas e vídeos, abordando múltiplos assuntos. O *Clinical Key* dá acesso aos principais periódicos internacionais e diretrizes. O treinamento prático pode ser realizado em Centros de Formação públicos e privados previamente credenciados. Segundo a Ata da AGO do 3º Congresso do DIC, em 2013, o departamento já tinha cadastrado 150 Centros de Formação. Nos centros públicos, de maneira geral, a formação é precedida por 1 ano de clínica médica e 2 anos em Cardiologia, segundo as normas da residência médica.

Um processo de aprimoramento constante para o aprendizado da Ecocardiografia tem sido um dos principais objetivos das diretorias do departamento, desde sua fundação. Atendendo ao convite para escrever esse pequeno editorial, sugerimos algumas propostas que poderiam ser implementadas:

1. Promover maior integração das áreas de diagnóstico por imagem, por patologia, nos congressos; enfatizar as indicações e limitações de cada técnica, evitando-se, dessa forma, seu uso indiscriminado.
2. Tornar oficial a realização de simpósios durante os congressos regionais e/ou estaduais, levando o conhecimento para outras regiões do país fora do eixo Rio, São Paulo e Belo Horizonte.
3. Incrementar aulas englobando as modalidades de imagem no site do departamento, com assuntos semelhantes aos salientados na primeira sugestão; disponibilizar gratuitamente, para todos os sócios, as principais atividades abordadas nos congressos que possam contribuir para o ensino.
4. Criar um espaço no site, no qual o colega possa tirar dúvidas enviando resumo clínico e clipes do exame, como feito no *WhatsApp*. Uma equipe de *experts* em cada área responderia *on-line* sobre cada caso.
5. A criação do selo de Certificação por Distinção DIC avaliado pela IQG é um grande feito. Sabemos da

Palavras-chave

Ecocardiografia/história; Ecocardiografia/tendências; Diagnóstico por Imagem/história; Diagnóstico por Imagem/tendências; Desenvolvimento Tecnológico/métodos; Eventos Científicos e de Divulgação.

Correspondência: Djair Brindeiro Filho •

Av. Beira Mar, 2965/1201. CEP 54400-010, Piedade, Jaboatão dos Guararapes, PE – Brasil
E-mail: dbfpe@globo.com

DOI: 10.5935/2318-8219.20190002

existência de excelentes centros de formação, mas uma página na qual os interessados possam pesquisar o endereço, o período e a duração dos cursos credenciados (150 em 2013 – SIC) seria de grande valor.

6. Existem, no mercado, livros de ótima qualidade. Entretanto, creio que seria oportuna a elaboração de um livro oficial do DIC nos mesmos moldes do da SBC, que poderia ser atualizado a cada 2 ou 3 anos.